AVEIRO, 1 DE SETEMBRO DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1214

Litoral

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27167)

A IGREJA JÁ COM PAPA PORTUGAL COM GOVERNO

Desde o pretérito sábado, o mundo católico (700 milhões de almas) tem Papa: num dos mais rápidos conclaves de todos os tempos, foi eleito sucessor de Paulo VI o Cardeal Albino Luciano, Patriarca de Veneza, de 65 anos de idade. É o 263.º Pontífice Romano. Tomou o nome de João Paulo I.

Desde terça-feira transacta, Portugal tem Governo, sob chefia do Eng.º Alfredo Jorge Nobre da Costa, designado Primeiro Ministro pelo Presidente da República.

Estes dois acontecimentos, cada um a seu nível, alcançaram notável repercussão: os homens de todas as latitudes esperam, de alguns homens, reais garantias de Paz numa condigna vivência; e os responsáveis pelos humanos destinos, espirituais e materiais, terão que ser, fundamentalmente, honestos, abnegados e competentes. Um novo papa ou um novo governo são sempre motivação de esperanças — particularmente no Mundo conturbado dos nossos dias: por muitas latitudes corre sangue, prolifera o crime, cresce a intranquilidade e continuam a registar-se profundas desigualdades sociais.

Ao homem de hoje — castigado, tantas vezes sem culpas, cansado de palavras ocas e de promessas vãs — renasce a esperança quando novos homens surgem como perspectiva nos horizontes dos humanos anseios; mas o homem de hoje prolonga a sua ansiedade no destino dos filhos — que receia tão tormentoso como é o seu.

A imagem acima e ao lado — foto do distinto amador Pedro Vilhena, que, com ela, obteve justo galardão numa das categorias do «Alavário / 78» — mostra o menino triste, esfarrapado, apreensivo, olhando o seu indefinido destino. É a imagem universal de muitas crianças de hoje...

... o que vale dizer que, ao homem de hoje, mesmo que goradas as suas esperanças de felicidade própria, impõe-se tudo fazer para assegurar a felicidade dos homens de amanhã.

... ELES É QUE SABEM!

AMADEU DE SOUSA

— Por que não se caiaram as cortinas dos cais, antes da época de veraneio, — como outrora — para evitar o aspecto desprezível em que se encontram?

— Por que não se procedeu à limpeza dos canais — como outrora — para atenuar os odores nauseabundos, e os comentários tristes dos turistas, que tanto entristecem os Aveirenses?

— Por que não se ilumina — embora que proviso-

Continua na página 3

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XXIV Voltemos, pois, à Caixa Económica de Aveiro.

Não eram só as criadas de servir que tinham as suas cadernetas de depósito naquela Caixa e que, mensalmente, as movimentavam (se o podiam fazer); pessoas com outros mesteres procuravam, também, fazer o seu aforro, a fim de o utilizarem quando necessário, principalmente numa doença ou em qualquer outro contratempo que, no futuro, lhes surgisse.

E o problema da doença era assunto que afligia toda a gente de poucos recursos, e a ponderar muito seriamente, pois, na altura, não havia, como hoje há, a Previdência (que foi instituída nos anos de quarenta) e que, com todos os seus defeitos, tantos e tão grandes benefícios tem prestado a muita gente, mesmo àqueles que contra ela barafustam porque a querem — e com razão — muito mais eficiente.

Certo é que, nesse tempo, em Aveiro, existia a Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas, na qual as pessoas cuidadosas e previdentes se inscreviam e, a troco de uma quota mensal, tinham consultas médicas e medicamentos, Associação que, mercê da forma como era administrada, correspondia, integralmente, ao fim para que foi

Continua na página 3

Devolvemos a incumbência . . . e QUE VENHAM OS BIÓGRAFOS!

É velho colaborador do LITORAL o jovem Dr. Vasco de Lemos Mourisca — jovem pelo seu dinamismo, pela sua determinação, pela sua coragem, pela sua pena sempre jovem. Ora sucedeu que, desde há tempos, o LITORAL não era honrado com as letras de tão distinto Escritor e Poeta — e nem se diga que as culpas foram daquele magnífico quinzenário, O ARAUTO DE OSSELOA, que Vasco de Lemos Mourisca fundou, desde sempre dirigiu e dirige: este Vasco tem largo (mas válido e acolhedor) pano para mangas... e, por isso, lhe puxámos pela manga: «Amigo, o LITORAL tem saudades das suas laudas». E elas recomeçaram a chegar. A que segue é missiva endereçada ao director do modesto semanário da cidade — e, nela, as generosas palavras não chegam para absolver o seu signatário das culpas de que se tornou réu: é que nós pedimos a Vasco de Lemos Mourisca para escrever — não que viesse inculcar-nos que escrevessemos. Mas (não pondo a pata na poça) devolvemos a incumbência das solicitadas biografias a quem (esses, sim) podem atingir os desejados horizontes: Eduardo Cerqueira e . . . Vasco de Lemos Mourisca (este, além do mais, para narrar a nossa história — mas . . . depois da «hora da nossa morte. Amen.»).

Albergaria-a-Velha, 20-VIII-1978

MEU CARO DAVID CHISTO:

Não se aplica o brocardo de que o bom filho à casa torna, porque, em boa verdade, eu nunca de cá saí. Mas a Sua boa amizade, que muito me honra e me conforta, quis relembrar-me o convite. E cá estou.

Acontece que tenho algo para lhe dizer e a mais alguns de Aveiro. Contava fazê-lo no meu jornal. Em face, porém, deste seu canto de Muesin a chamar à oração o distraído de Allah, eu que, por Mourisca, até de nome sou árabe, mal ouvi o cântico dilucular, voltei-me para Meca (errata: onde se lê Meca, leia-se LITORAL) e cá estou na «oração». E para que o

Continua na página 3

TOMOGRAFIA E POLÍTICA

SAUL DA COSTA

Em hora de cavaqueira estival — das poucas coisas que ainda dão algum prazer e cujo hábito também se vai perdendo —, um companheiro de arma discorria sobre os avanços da técnica e a sua aplicação desde as «BIC» até às descobertas no cosmos. Foi na sequência de tal troca de impressões que tive conhecimento da existência dum aparelhozito que é capaz de «cortar» a cabeça dum indivíduo, perpendicularmente ao eixo vertical, em fatias de 5 a 10

Continua na página 3

ENTRE GREGOS E TROIANOS...

... agradar ou não agradar, eis a questão!

N. do A. — Uma voz entre dentes: «Parece que vou ter as férias estragadas . . .»

Problemas Sociais

COLABORAÇÃO NO PLANO NACIONAL PARA A CRISE

ZÉ-DE-VIANA

PARA além da exposição dos grandes princípios e da explanação das realizações, o esforço da elaboração doutrinal tem de incidir sobre os problemas a resolver.

É preciso não só que esses problemas sejam resolvidos, mas também que o sejam do melhor modo, na linha de pureza das ideias-base e procurando extrair o máximo de eficiência das novas estruturas.

Para tanto, é condição prévia que um amplo debate das questões preceda as decisões.

É ao nível nacional que as questões fundamentais devem ser versadas, sem demagogias, porque não só interessam ao Estado como interessam, ainda mais legitimamente, à Nação.

Bem sabemos que isto é avesso ao nosso feitio, mas temos de o conseguir, se quisermos fazer obra séria.

Os Portugueses gostam imenso de divagar sobre o que está feito e muito pouco de se pronunciarem sobre o que é preciso fazer.

Em primeiro lugar, porque exige mais imaginação e mais aplicação.

Em segundo lugar, porque, analisando o que se fez, é sempre pos-

Continua na página 3

Cartório Notarial de Estarreja

CERTIFICO NARRATIVAMENTE que por escritura de vinte e sete de Julho de mil novecentos e setenta e oito, lavrada neste cartório, e exarada de folhas setenta e três e seguintes do livro de notas para escrituras diversas número cinquenta e oito-B, deste cartório, os senhores Manuel José Seabra Estrela Esteves, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos com Maria João Pinto Soares Machado Esteves, residente na cidade de Aveiro e natural da freguesia de Vera-Cruz da cidade referida de Aveiro; António José Resende Fernandes Matias, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos com Maria Cecília Ribeiro de Lomos Fernandes Matias, residente na Rua José Luciano de Castro da cidade de Aveiro e natural de Santo André — Estremoz; Carlos Mendes Veloso, casado segundo o regime da comunhão geral de bens com Lourdes Maria de Sousa Carvalho Borges Veloso, residente na Rua José Maria de Abreu na cidade de Coimbra e natural da freguesia de Almedina do concelho de Coimbra, Vasco Dias, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos com Esmeralda Maria Cardoso Almeida, residente na cidade de Aveiro e natural de Luanda — Angola, constituiram entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regulará nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação «D'AVEIRO - ARQUITECTOS E ENGENHEIROS, LIMITADA», tem a sua sede na cidade de Aveiro, na Rua Manuel Firmino, número cinquenta, freguesia de Vera Cruz, e durará por tempo indeterminado a contar de um de Agosto de mil novecentos e setenta e oito.

Segundo — O seu objecto é a actividade de elaboração de projectos de arquitectura e engenharia, serviços de planeamento, coordenação e gestão de empreendimentos, podendo ainda dedicar-se ao exercício de qualquer outra actividade em que os sócios acordem e não dependa de autorização especial.

Terceiro — O capital da sociedade é de cento e cinco mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, e está distribuído em quotas pelo seguinte modo; ao Manuel José, uma de trinta mil escudos; ao António José Resende, de vinte e cinco mil escudos; ao Carlos Veloso de vinte e cinco mil escudos, e ao Vasco Dias de vinte e cinco mil escudos.

Parágrafo único — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital até ao montante que for fixado em Assembleia Geral por deliberação unânime dos sócios, os quais também poderão fazer suprimentos à Caixa Social, nos termos que vierem a ser acordados.

Quarto — A gerência da sociedade ficará a competir aos sócios Manuel José Esteves e Carlos Veloso os quais a representarão em juízo ou fora dele.

Parágrafo primeiro — Os actos e contratos que, pela sua natureza envolvam responsabilidade para a sociedade, terão de ser firmados pelos dois gerentes.

Parágrafo segundo — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência um no outro ou nos outros sócios, no todo ou em parte, por prazo não superior a trinta dias.

Parágrafo quarto — Os gerentes são dispensados de prestação de caução e terão a remuneração que for fixada em Assembleia Geral.

Quinto — É permitida a divisão e a cessão de quotas entre os sócios e a favor dos descendentes dos sócios.

Parágrafo primeiro — A cessão de quotas a estranhos depende sempre do consentimento da sociedade, a qual se reserva o direito de preferência, pagando a quota pelo valor que for apurado num balanço expressamente dado para esse efeito e, o pagamento será realizado em doze prestações mensais e iguais, na data em que for exercida a preferência, será paga a primeira prestação.

Parágrafo segundo — O prazo para exercer o direito de preferência mencionado no parágrafo anterior não poderá ir além de trinta dias após a comunicação feita pelo sócio cedente, para esse efeito.

Parágrafo terceiro — Se a sociedade não exercer o direito de preferência indicado no parágrafo primeiro caberá o mesmo direito de preferência aos sócios, em conjunto ou isoladamente, que poderão adquirir para si a mencionada quota pelo preço e nas condições que o sócio cedente deverá comunicar aos restantes sócios na ocasião em que der conhecimento à sociedade de que pretende ceder a sua quota.

Parágrafo quarto — O direito de preferência dos sócios a existir, deverá ser exercido no prazo de quinze dias a partir da data em que expire o prazo em que a sociedade deveria ter exercido o seu direito.

Sexto — Quando algum sócio, independentemente da cessão da sua quota a estranhos pretenda apartar-se da sociedade, esta obriga-se a amortizar a quota ao sócio pelo valor que for apurado em balanço expressamente dado para o efeito.

Parágrafo único — O respectivo pagamento será feito em doze prestações mensais, a primeira das quais terá lugar três meses depois da recepção da declaração do sócio em que este manifeste o desejo de se apartar da sociedade .

Sétimo — Falecendo algum sócio ou for ele interdito, a sociedade não se dissolve. Será admitido o representante legal do interdito e o cabeça de casal da herança ilíquida e indivisa do sócio falecido enquanto a respectiva quota se mantiver nessa situação.

Parágrafo único — Terminada a indivisão da quota por adjudicação dela a um dos herdeiros, a Assembleia Geral da sociedade prenunciar-se-á por maioria simples se deve ou não aceitar esse herdeiro como seu sócio. Em caso negativo, será a quota amortizada com o valor que for apurado num balanço expressamente dado para esse efeito e o pagamento será realizado em doze prestações mensais, sendo a primeira paga no prazo de um mês após a realização da referida Assembleia Geral, a qual, por sua vez, deve ser realizada no prazo de um ano a contar da data em que terminou a indivisão da quota.

Sétimo — Sempre que seja necessário reunir a Assembleia Geral serão os sócios convocados por cartas registadas a eles dirigidas com a antecedência mínima de dez dias a contar da expedição, salvo nos casos para que a lei prescreva formalidades especiais de convocação.

É certidão narrativa que fiz extrair e vai conforme ao original.

Estarreja, vinte e sete de Julho de mil novecentos e setenta e oito.

O NOTÁRIO,

a) — *Luís de Sousa Soares Pinto da Silva*

LITORAL - Aveiro, 1/9/78 — N.º 1214

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 22 de Agosto de 1978, de fls. 27 a 29, do livro de escrituras diversas N.º 531-A, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi aumentado em 50 mil escudos o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «SANTOS, SILVA & SILVA, LDA.» com sede em Mataduços, freguesia de Esgueira, deste concelho, com a entrada do novo sócio, José de Sousa Cardoso Pizarro e, em consequência foi alterado o corpo do artigo terceiro do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

3.º — O capital social é de 250 mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, correspondente a cinco quotas de 50 mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 25 de Agosto de 1978.

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 1/9/78 — N.º 1214

PROBLEMAS SOCIAS

Continuação da 1.ª página

sível criticar com rendimento, à custa de um esforço mínimo; e, com saboroso prazer, encontrar ou inventar erros e deficiências.

Mas temos de nos emendar.

É fundamental que a atenção se concentre sobre os assuntos de primeira grandeza, em ordem a esclarecer os problemas e a descobrir as soluções.

Pode ser muito importante respigar defeitos nas leis; mas é ainda mais importante preveni-los, através de uma larga e positiva discussão prévia das matérias que revestem carácter de urgência.

A Nação não pode manter-se comodamente afastada dos assuntos em que a sua colaboração activa é necessária e essencial.

● AS CONDIÇÕES DA ACÇÃO

A reforma intelectual e moral não pode consistir unicamente, ou sequer principalmente, em actos de Governo, em leis e decretos.

Trata-se de matéria em que as intervenções governativas têm de responder a movimentos espontâneos da opinião, sob pena de serem iludidas as melhores intenções e nem mesmo vagamente se atingir o objectivo.

Para que resulte nesse terreno, a acção dos governantes carece de ser precedida pela geral convicção da sua necessidade e pela consciência colectiva do seu bom fundamento.

Para tanto, é preciso que a Nação possa exprimir-se como «país real» e não apenas como «país legal».

Ora isto pressupõe a organização da Nação nos seus quadros naturais, que é condição «sine qua non» de uma representação legítima, quando se trata de assuntos de primeira grandeza em que é dominante a preocupação do bem comum.

Não é possível decretar que todas as pessoas devam pensar desta ou daquela maneira, até porque o pensamento não é controlável; mas pode e deve cuidar-se efectivamente da sua formação, de modo a orientá-las no bom sentido e a defendê-las contra as propagandas demagógicas que a todo o momento nos ferem o ouvido.

● À ESCALA DA NAÇÃO

O Estado tem forças limitadas e não se pode esperar dele que tome a seu cargo tarefas que o ultrapassem. De certo ponto em diante, é a Nação que tem de assumir directamente as suas responsabilidades e de intervir pelos próprios meios.

Só em situações excepcionais se compreende que, com ou sem mandato, o Estado tome iniciativas numa área estranha à sua competência específica.

Foi o que sucedeu na fase final da Revolução, quando não havia de pé outra coisa que não fosse a estrutura do Estado e era preciso dar os primeiros passos e lançar os alicerces de uma ordem nova.

Hoje é diferente — e começamos a poder contar com a actividade de tipo nacional em vastas zonas da vida colectiva.

É de reconhecer, no entanto, que se não dispõe ainda de meios de intervenção que seriam necessários para abordar as grandes realizações, no terreno em que deve desenvolver-se a reforma intelectual e moral.

Para tanto, é preciso refundir ou criar estruturas que permitam intervir com segurança, eficiência e decisão.

A acção terá de desenvolver-se em vários terrenos e sob várias formas. A começar pela Família e pela Escola.

Tanto basta para se dar conta da extensão que tem de revestir o nosso esforço de recuperação, da medida em que ele envolve o País inteiro e da necessidade de, para tanto, nos agruparmos através da renovação das classes, da reconstituição das «élites» e da formação moral, cívica e política da nossa juventude.

Nós temos grandes responsabilidades de doutrina, das quais não podemos exonerar-nos, ainda que o desejássemos.

Representamos uma Revolução em marcha e não podemos deter-nos, porque o movimento é a expressão da vida.

Possuímos uma doutrina, que deve considerar-se quase perfeita no que toca à definição dos grandes princípios.

Também não temos dúvidas acerca do valor dos princípios que alguém disse deduzir das nossas constantes históricas.

Também as gerações que fizeram a Revolução e aquelas que a Revolução está a moldar não perderam a confiança nas suas virtualidades e não descreem da chama interior que as anima.

Nunca a nossa fé desapareceu e não desaparecerá no futuro.

A África, escola de heroísmo e de sacrifício, concorreu ainda, mais do que os trabalhos de paz, para os Portugueses darem conta do seu tonus vital, da sua capacidade para enfrentar as dificuldades, da sua assombrosa e inexcedível faculdade de improvisação, da nobre qualidade do seu patriotismo.

Foram, estas, gerações experimentadas, que aprenderam a confiar nas suas virtudes. Mas não são eternas e já estão sós porque foram traídas...

Não basta, porém, possuir os fundamentos firmes de uma doutrina de Salvação Nacional. É preciso, também, viver a doutrina. E isto quer dizer: aplicá-la sem demagogias.

Não é bastante, se bem que tenha a maior importância, saber quais são as grandes coordenadas do pensamento revolucionário.

Os nossos políticos «mandões» esquecem-se de que é preciso defender a doutrina contra os riscos indeclináveis que sugere o seu quotidiano contacto com as realidades do Povo que eles dizem defender?...

Para tanto, é preciso, antes de mais nada, reforçar a convicção da virtude dos princípios, o que exige uma actividade permanente de difusão. Cada um de nós carece de tomar plena consciência da sua posição, para que exista uma consciência colectiva com pleno sentido dos deveres para com a Nação.

Mas outras tarefas reclamam a nossa atenção: tarefas de revisão e actualização, tarefas de pura elaboração.

Temos de nos transportar ao campo das realizações.

Precisamos de conferir o que está feito com os grandes princípios de carácter dogmático, para apurarmos a que ponto pisamos terreno firme e em que medida se podem ter dado desvios que exijam correcções de rumo.

Precisamos de atacar os problemas que, ultrapassada a fase das realizações materiais, sugere a actividade a desenvolver no campo intelectual e moral, designadamente aqueles que mais estreitamente se relacionam com a formação da juventude.

Há que continuar.

Aveiro, 25 de Agosto de 1978

ZÉ-DE-VIANA

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

criada, conseguindo, além de cumprir as suas obrigações para com os seus associados, arranjar reservas, transformadas em títulos públicos, para, deles, obter um rendimento extra.

Na Caixa Económica de Aveiro, até um simples vintém (20 réis) podia ser depositado para servir de incitamento ao aforro.

Pessoas de família da miudagem, abriam muitas vezes, a favor das crianças, contas de depósito com pequenas importâncias e entregavam-lhes as respectivas cadernetas para as incitar à poupança; e, por ocasião das festas familiares, padrinhos, avós, tios e, até, os amigos da família, em vez de lhes darem dinheiro para eles gastarem em gulodices, entregavam-no para eles o depositarem.

O dinheiro recebido, pela Caixa, em depósito, era emprestado por juro um pouco superior àquele que era pago aos depositantes, por letra ou qualquer outro documento, a quem a ela recorria nas suas aflições, e a quem os administradores reconheciam as qualidades necessárias para lhes não causarem preocupações com a liquidação, ou com a reforma, em devido tempo, das importâncias emprestadas, não cuidando, muitas vezes, de ter em atenção os seus bens materiais, mas, e principalmente, o seu comportamento anterior e a convicção de que a pessoa saberia respeitar a palavra dada, como, então, aliás, era de uso respeitar.

E vem, a propósito, lembrar que, em determinados negócios como, por exemplo, o do ajuste do sal — e grandes valores representavam para esse tempo —, depois de acertadas as condições de venda, um aperto de mão e o «alborque» (uns copitos de vinho bebidos entre os assistentes) tornavam esse negócio firme como se fosse uma escritura que se acabasse de lavrar no notário — não constando que algum dos intervenientes o tenha deixado de cumprir, mesmo com prejuízo para si: a palavra dada, acima de tudo.

A Caixa Económica de Aveiro — à qual muita gente chamava a *casa das aflições*, pela facilidade com que resolvia os problemas que lhe eram postos — emprestava dinheiro, também, por penhor de objectos de ouro, prata e outros metais, para *desenrascar* de situações que, muitas vezes e inesperadamente, surgiam, não só em casas de modestos recursos, como, também, nas casas ricas e de grande respeitabilidade que, deste modo, e servindo-se de interposta pessoa, modesta mas de sua inteira confiança, em nome de quem os objectos ficavam penhorados, evitavam ter que recorrer a pessoas estranhas e, assim, dar a saber situações e dificuldades ocasionais que lhes não convinha fossem conhecidas de outrem.

Quase todos os dias, vinha de Ílhavo,à Caixa Económica de Aveiro, uma mulher — a ti Ana Pecucha — com objectos para empenhar, quase sempre em seu nome, apesar de se saber que tais objectos a ela não pertenciam; e era essa mulher que regularizava, perante a Caixa, os juros vencidos e o levantamento dos objectos empenhados.

Quantos dramas familiares a ti Ana Pecucha não teria conhecido?! E a quantas pessoas a sua intervenção acudiu e *desenrascou*?

E essa mulher, que ia e vinha a pé, com valores e com dinheiro que lhe não pertenciam — e toda a gente sabia disso — nunca foi vítima de qualquer tentativa de assalto; e nunca consta, também, que alguma vez, entre ela e as pessoas a quem prestava aqueles serviços, tivesse havido desaguizado por motivo de contas.

Como tudo, no geral, era tão simples e tão fácil!...

Havia, então, respeito pela palavra dada e o culto da honestidade.

Nas escolas, usava-se um compêndio denominado «Educação Cívica», pelo qual os professores primários nos ensinavam, com empenho e interesse, a cumprirmos os nossos deveres como cidadãos: respeito pelos pais e professores, atenção pelos velhos e pelos doentes a quem devíamos ajudar, sempre que eles nos pedissem ajuda.

Culto pela Pátria e pelos seus símbolos — o Hino Nacional e a Bandeira — e a obrigação de nos descobrirmos sempre que, em funções oficiais, eles tivessem lugar. E ninguém deixava de o fazer quando, nos quartéis e ao toque de continência, a Bandeira era içada no mastro de honra, ou, dele, era arreada.

Tornei a divagar, pelo que voltarei ao assunto.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Que venham os Biógrafos!

Continuação da 1.ª página

meu dilecto Dr. David Christo não julgue que eu estou brincando (o gerúndio é influência do CASARÃO ...) até começo, após estes prolegómenos, a epístola exactamente como o faria um árabe: BESM ELLAH ELROHAM ELRAHIM, que é como quem diz em nome de Allah, Bom e Misericordioso. Assim começam todas as cartas árabes e as melhores obras literárias. E já agora, como vem a propósito e Você pode ter de escrever a algum árabe, sempre lhe digo o que convirá que escreva no fim da carta, à guiza de cumprimento muçulmano no duro: ALLAH RAHMET EYLESUN ou seja: Que Allah lhe dê o seu rahmet ou a sua bênção. Se, algum dia, for a Istambul, não deixe de visitar um cemitério árabe, totalmente diferente dos nossos, e verá o vocábulo rahmet por todas as pedras tumulares.

Vamos ao assunto: Aveiro-Cidade ou Aveiro-Concelho ou Aveiro-Comarca teve sempre grandes personalidades. Ou, como se diz nas linhas aéreas, Personalidades VIP. Você está na conta e em primeiro plano, com o Eduardo Cerqueira, o Dr. José Pereira Tavares, o Dr. Humberto Leitão, o Dr. Vasco Branco, o Dr. Frederico de Moura, o Jeremias Bandarra, o Zé-Augusto, o João Lavado, o Dr. Ferreira Neves e alguns mais, que, por me não virem à tecla da máquina, não ficam de fora. Não falo do Dr. Mário Sacramento, porque só quero falar dos vivos. Ora os que partiram têm ainda a nossa geração para falar deles. Mas Vós, os VIPs de hoje, quem Vos vai lembrar e mais do que lembrar, fazer a vossa biobibliografia? Quem?! Comigo, não podem contar, que eu irei, de certeza, uns largos quilómetros - tempo à Vossa frente. E esses meninos gadelhudos, de Intelectuais só julgam que têm o ar, mas nem esse têm! Por outro lado, para estudar e historiar VIPs da vossa envergadura, importa possuir uma bagagem que me falta a mim.

Não vejo, pois, outro caminho senão Você e o Eduardo Cerqueira — este Catedrático da História de Aveiro — para tão difícil, mas importantíssima Obra.

Eis o que lhe queria dizer, inda que por suma capita. E, agora, o meu caro VIP Dr. David Christo, com o seu admirável talento e o seu alto esteticismo literário, pode, se quiser, atingir o horizonte a que não chego e produzir a Obra, que eu não sei.

Se tal fizer, melhor servirá Aveiro.

Um abraço ab imo pectore e a viva admiração do Seu

a) Vasco de Lemos Mourisca

TOMOGRAFIA E POLITICA

Continuação da 1.ª página

milímetros de espessura e cujo conjunto permite aos entendidos estudar com precisão impressionante o conteúdo crânio, bisbilhotando o interior e detectar desarrumações.

Tudo isto sem produzir qualquer dano ao paciente e com a comodidade da vulgar radiografia por planos.

As estruturas encefálicas ficam registadas consoante o grau de densidade, bem como formações anormais que aí passem a residir.

Não posso negar que fiquei entusiasmado com tal sistema, principalmente ao compará-lo com outros métodos que dizem fazer suar as estopinhas a quem a eles recorre.

— Onde existe tal **charrua**?

— Não há em Portugal.

— Mas não há quem com ela trabalhe?

O motivo apontado foi o seu elevado custo — vinte mil contos. Espera-se que a Gulbenkian se lembre dos contribuintes.

Comparando tal verba com os 19 contos que cada um de nós deve à **estranja**, sem em troca receber um besugo, é manifestamente barato.

E com o «pastel» que dizem que os jornais servem?

Temos que convir: não é nada caro.

Dez milhões de almas alojadas nos respectivos crânios potencialmente candidatos a usar o aparelho, sai ele por um preço ridículo por cabeça.

— Estás enganado, não vale a pena adquirir tal coisa: já existe ali em Vigo uma máquina dessas; dá-se lá uma saltada e aproveita-se a oportunidade para trazer um bacalhau, 2 litros de azeite e o saco dos caramelos.

Concordei.

Posteriormente, vim a saber que as razões eram bem diferentes.

Forças ocultas ligadas a partidos políticos opunham-se frontalmente à sua entrada no País. Membros da classe dirigente, ou a ela candidatos, temem a obrigatoriedade da realização do exame e cujo resultado viesse a pôr em evidência densidades encefálicas próximas das da água.

Fiquei elucidado.

— E o doente, e os que não têm possibilidades de ir a Londres ou a Vigo?

— Está tudo previsto: dão com a cabeça na parede e atiram cavacas do alto da capela do S. Gonçalinho.

15/8/78

SAUL DA COSTA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	OUDINOT
Sábado	NETO
Domingo	MOURA
Segunda	CENTRAL
Terça	MODERNA
Quarta	ALA
Quinta	AVEIRENSE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

«PASSEIO NA RIA / 78»

Durante a primeira quinzena do mês que hoje se inicia, estarão expostos, no salão nobre do Clube dos Galitos, das 21 às 22.30 horas, os desenhos feitos pelas crianças no passeio organizado por aquela prestante e conceituada colectividade aveirense, bem como um copioso e atinente conjunto de fotografias.

«DIA DAS CASAS DO POVO»

Pela segunda vez, celebrar-se-á, este ano, o «Dia das Casas do Povo» — iniciativa da Junta Central —, no segundo domingo, 10, do mês que hoje se inicia, que envolverá a grande maioria daquelas colectividades espalhadas pelo Continente e Ilhas.

Também no Distrito de Aveiro reina já louvável entusiasmo, sendo de esperar que, aqui, as celebrações atinjam elevado nível.

Novo Médico

No dia 3 do corrente, concluiu, na Universidade do Porto, a sua formatura em Medicina, o Dr. José Manuel Vera Cruz Félix.

O novo médico, que conta apenas 23 anos de idade, é filho da sr.ª D. Maria José C. Vera Cruz Félix e do nosso bom amigo Joaquim Lemos da Silva Félix; e neto do saudoso aveirense Manuel da Silva Félix e do conceituado mestre-entalhador-marceneiro José Maria da Silva Vera Cruz.

As nossas felicitações, com votos das felicidades profissional e pessoal a que tem jus por seus reconhecidos méritos.

Louvável iniciativa sobre a AGROVOUGA

A Comissão Executiva da «Agrovouga-78» deu início a um inquérito, no louvável intuito de «melhorar de ano para ano a nossa Exposição-Feira; e, porque essa intenção é, de facto, sentida, desejamos agora proceder a um balanço crítico e saber a opinião de todas as organizações e pessoas que contribuiram para a realização da *Agrovouga-78*».

Continua a vaga de ASSALTOS

● Durante a noite, na Rua da Capela, em S. Bernardo, roubaram, por arrombamento, de um carro de matrícula francesa, ali estacionado e pertencente a Manuel Pereira, pedreiro, morador na Oliveirinha, vários e importantes documentos pessoais (designadamente um passaporte e uma carta de trabalho), bem como outros objectos, estes de reduzido valor.

● Na madrugada de 28 do mês findo, foi assaltado o estabelecimento de mobílias de Duarte da Rocha, no Bonsucesso: num «Mini», de matrícula DV-61-71, oculta por um pano, (carro alugado em Sangalhos, na modalidade «sem condutor»), os larápios transportaram um cofre-monobloco, com mais de um metro de altura, retirado do aludido estabelecimento, para o que estilhaçaram o vidro de uma janela, abrindo posteriormente um portão lateral do edifício. O proprietário, na altura, encontrava-se na Praia da Barra. Só que... surpreendidos os assaltantes por um vizinho, este perseguiu-os, colando o seu carro à viatura em fuga, chegando mesmo a provocar uma colisão. E os gatunos, abandonando o «Mini», ali deixaram o cofre e algumas armas brancas.

● Leonel Gomes Varela, comerciante, residente em Alvarim, deixou aberta, durante a noite, a porta do seu automóvel, estacionado na Rua do Abreu, em Aradas. De manhã, verificou que do interior da viatura lhe haviam furtado uma pasta com documentos e uma calculadora.

● Utilizando um pé-de-cabra e outros instrumentos de arrombamento (que foram deixados no local), gatunos roubaram, da secção de estupefacientes de um depósito farmacêutico ao n.º 64 da Rua de Cândido dos Reis, desta cidade, ópio, morfina, cloreto de cocaína, enfetamina, diversas seringas e, do escritório, além de outros objectos, um gravador e uma máquina de calcular. Para além do considerável valor do roubo, registaram-se danos de certo vulto em portas e fechaduras.

Fecho da «Festa da Ria» «FESTIVAL DE FOLCLORE»

Milhares de pessoas assistiram, na noite do último sábado, ao «Festival de Folclore» integrado no vasto e excelente programa da FESTA DA RIA-78: pejados de espectadores os muros do cais, as respectivas linguetas, a escadaria e a parte cimeira do edifício camarário que deita para o Canal Central, as janelas e as varandas dos prédios fronteiriços (designadamente do Clube dos Galitos).

A temperatura atmosférica era propícia: noite cálida; mas quentes foram também os aplausos com que o público premiou a magnífica actuação dos diversos conjuntos que se exibiram sobre o vasto tablado que tinha como suporte dois caractrísticos barcos regionais.

De referir é a ajustada e esclarecedora locução do apresentador, cujo nome não conseguimos averiguar, mas que nos dizem ser autorizada voz em domínios etnográficos.

ESTÁDIO MÁRIO DUARTE

Em recente sessão privada, a Câmara Municipal deliberou beneficiar o Estário Mário Duarte com as obras que de há muito se impunham e que devem iniciar-se brevemente.

Num primeiro cálculo, estão elas orçadas em cerca de um milhar de contos.

ACIDENTES MORTAIS

● Na noite de 23 de Agosto transacto, deu entrada, no «Banco de Urgência» do Hospital Distrital de Aveiro, Maria José de Sá Barbosa Maio, casada, de 29 anos, residente nas Areias de Vilar, subúrbio da cidade. Viria a falecer, vitimada por intoxicação.

● Quando tomava banho Rio das Mós (Vouga), perto da ponte de Sarrazola (Cacia), morreu afogado o menor de 14 anos Carlos Jorge Marques da Costa, filho de Maria Emília Marques e de Silvino da Costa, naquele lugar residentes. A desditosa criança deveria ter sido vítima de indigestão, pois foi banhar-se cerca das 14.30 horas, pouco depois de comer. O acidente ocorreu no dia 24 de Agosto findo.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta feira, 1 — às 21.30 horas; Sábado, 2 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 3 — às 15.30 e 21.30 horas — O DEVER E A AMIZADE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta feira, 1 — às 21.30 horas — FOGO NO RABO — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 2 — às 15.30 e 21.30 horas; Domingo, 3 — às 15.30 e 21.30 horas; e Segunda, 4 — às 21.30 horas — O CORSÁRIO NEGRO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

FALECERAM:

● Com 69 anos de idade, faleceu, no dia 24 do corrente e na freguesia da Vera-Cruz, o sr. Manuel da Maia Romão, casado com a sr.ª D. Maria dos Anjos Gonçalves Andias.

O saudoso extinto era pai dos srs. José e Manuel Andias da Maia Romão; e sogro das sr.as D. Maria do Carmo Ferreira da Conceição e D. Berta Maria de Oliveira Matos.

● No mesmo dia, faleceu, na freguesia da Glória, a sr.ª D. Maria das Dores Fernandes Porto.

A saudosa extinta contava 74 anos de idade e era mãe do soldado da Guarda Fiscal sr. Reinaldo Fernandes Porto.

● No dia 26, e com a idade de 76 anos, finou-se a sr.ª D. Beatriz Rosa Marques Leal, viúva do saudoso António Deus da Loura.

Residia no próximo lugar do Bonsucesso, da freguesia de Aradas, donde foi a sepultar.

● No mesmo dia, faleceu, na freguesia da Vera-Cruz, o sr. Óscar Pereira de Lemos. Contava 68 anos de idade.

O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Juventina da Saudade Gonçalves Rodrigues.

● Com 66 anos de idade, faleceu, no dia 27 e na freguesia da Vera-Cruz, o sr. Virgílio da Cruz Nogueira.

O saudoso extinto, que foi a sepultar, no dia imediato, no cemitério de Sobreiro (Albergaria-a-Velha), era casado com a sr.ª D. Maria Emília Rodrigues Machado da Cruz Nogueira; e pai do sr. Alberto Manuel Machado da Cruz Nogueira, marido da sr.ª D. Maria Benilde Picado da Cunha Couceiro da Cruz Nogueira.

● No dia 28, faleceu, na freguesia da Glória, o sr. José da Maia Camarão.

O saudoso extinto, que contava 57 anos de idade e residia no Largo do Caião, em Esgueira, deixou viúva a sr.ª D. Joaquina Duarte Morgado.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

DAR SANGUE É UM DEVER

Tempo de Férias

Alguns veraneantes procuram os locais menos barulhentos para repousar o corpo e a mente das fadigas do dia-a-dia e não só. Outros escolhem as praias e os bulícios das cidades para o mesmo fim. Uns e outros vão gozar as suas merecidas férias.

Os responsáveis pelas autarquias também deveriam ter tempo para gozar as suas férias — ou será que ao longo do ano o trabalho que executam não justifica tal?

Alguns são «responsáveis» só de nome pois convencemo-nos até de que nem mesmo sabem o que quer dizer tal palavra, já que a responsabilidade com que são desempenhadas algumas funções nada tem a ver com a palavra lida no Dicionário da Língua Portuguesa, nas páginas sob a epígrafe «res» e que quer dizer, segundo o seu autor... — mas que, ao fim e ao cabo, não interessa focar, pois não queremos sujeitar-nos a qualquer indemnização exigida já que os dicionários são, e é lógico, propriedade dos seus editores («reservados todos os direitos, sendo proibida expressamente qualquer transcrição, mesmo parcial»), e se esses senhores não conhecem o significado da palavra em questão, aconselhamos a frequentarem aulas nocturnas, explicações particulares ou, então, a deixarem vagos os seus cargos para pessoas mais capazes.

Responsáveis pelos «altos cargos» que agora ocupam seriam aqueles cidadãos atentos às necessidades dos povos que servem (ou deveriam servir).

Se um trabalhador não respeita e não serve bem o seu patrão — que lhe paga, bem ou mal, o seu salário no fim de cada mês — vê-se na iminência de, mais tarde ou mais cedo, ter de procurar novo emprego.

Quem paga o ordenado mensal dos chefes das autarquias? Não é o povo? E por que não é esse mesmo povo servido da mesma forma — aqui abre-se um parêntesis para informar que nós, povo, não aspiramos a patrões — pela qual são servidos, pelos respectivos trabalhadores, os industriais, comerciantes e outras pessoas?

Demos uma volta por parte do nosso Distrito e o que nos foi dado apreciar conta-se em poucas palavras.

No campo rodoviário verifica-se uma lástima na maioria das vias de comunicação. Por exemplo: a estrada de Ílhavo à Gafanha d'Aquém mais parece um colchão de «faquir» — não tem bicos de aço mas possui paralelipípedos com tal desalinho que, quem ali se vê obrigado a circular, sujeita-se ao que de pior se pode supor; a Rua de Hintze Ribeiro, Rua de Sá e Rua do Carmo, em Aveiro, com a falta de sinal de estacionamento proibido é uma autêntica ratoeira, dados os atrasos causados a todos — já que é a única entrada na cidade pelo lado de Esgueira; a lixeira existente na rua que une o cruzamento do Viso à passagem de nível da Forca não condiz com a campanha antipoluição que o Mundo encetou; a falta de contentores na Quinta do Simão, meio a crescer diariamente, pode enquadrar-se no ponto anterior; a estrada que une a Junqueira ao Paço é indigna de ser pisada dado o irregular do seu piso; os candeeiros que outrora existiram (ainda lá estão, mas não funcionam) no fundo da rampa de Angeja, cruzamento de grande intensidade de tráfego, deveriam ser recuperados e postos em funcionamento, já que se tornava mais visível; aquele pequeno troço entre Albergaria-a-Nova e Branca, por cima da ponte do comboio da linha do Vouga, por causa do denso arvoredo que o cobre, merecia duas ou três lâmpadas, dado que até de dia se torna escuro; a estrada de Tabueira, junto das firmas Britel e J. P. Campos, F.º, estão uma vergonha e chegando o Inverno ou qualquer humidade tornam-se mesmo intransitáveis...

Há mais sobre vias de comunicação e outros assuntos que focaremos brevemente.

Entretanto, senhores das autarquias, vão aproveitando as férias para meditar na responsabilidade com que deverão desempenhar as missões para as quais o povo os escolheu. De acordo?...

OGEMAL

...Eles é que sabem!

Continuação da 1.ª página

riamente — a zona apelidada de «selva», no coração da cidade, que não tem similar em nenhum outro burgo?

— Por que não se modifica o sistema de iluminação das ruas que ladeiam o Canal Central, mergulhado em completa escuridão?

— Por que se teima na retirada de sinaleiros em certos pontos nevrálgicos da cidade?

— Por que não se arrancam os semáforos da Ponte-Praça, e se colocam nos cruzamentos da mortífera Variante?

— Por que não se põe cobro aos «piropos« dos energúmenos que a certas horas do dia se sentam na Ponte-Praça, molestando Senhoras e Jovens, com as mais grosseiras obscenidades?

— Por que se permite o pandemónio do estacionamento na Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas, sem intervenção da autoridade?

— Por que se exagera com o estridente grito das ambulâncias que atravessam a cidade, por vezes desnecessário?

— Por que não se realizou já a última Feira dos 28 no recinto da Agro-Vouga?

— Por que não se remove o «monte de lixo» adquirido — segundo se anunciou — à Família Miguéis?

— Por que subsistem os quintais e quintalecos em certos locais centrais da cidade?

— Por que razão os encarregados da recolha nocturna do lixo sujam mais do que limpam?

— Por que não se revê com urgência o problemas das cércias, para acabar com a Torre de Babel da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho?

— Por que razão numa cidade que triplicou apenas existe uma Farmácia de serviço nocturno?

— Por que tantos e tantos outros problemas se não resolvem com proficiência e rapidez nesta nossa querida e maravilhosa cidade, tão mal aproveitada e acarinhada ?

AMADEU DE SOUSA

DAR SANGUE
É UM DEVER

Milha da Costa Nova - 78

Continuação da última página

tística Piedense, Sport Algés e Dafundo e Sporting Clube de Aveiro.

No termo das competições — numa inversão da ordem do programa, determinada pelas condições atmosféricas houve uma largada de pára-quedistas da Base Operacional de Tropas Pára-quedistas de S. Jacinto. Um fecho espectacular da excelente jornada a que a Costa Nova (e os seus muitos veraneantes) assistiu.

MEIA-MILHA Não Federados

1.º — João Oliveira (Porto). 2.º — José Graça Ferreira (Gafanha da Boa-Hora). 3.º — Domingos Pinto (Leixões). 4.º — João Botelho (Leixões). 5.º — Celso Ribeiro (Porto). 6.º — Ana Vitorino (Benfica Santarém). 7.º — Joaquim Sacramento (Ílhavo). 8.º — Vitor Rocha (S. Jacinto). 9.º — Arnaldo Borges (Leixões). 10.º — Noémia Nogueira (Gafanha da Vagueira). 11.º — João Pimentel (Gafanha da Vagueira). 12.º — Duarte Redondo (Ílhavo). 13.º — Fátima Santos (Leixões). 14.º — Pedro Soares (Benfica Santarém). 15.º — Mário Estima de Pinho (Sporting de Aveiro). 16.º — Luís de Almeida (S. Jacinto). 17.º — Cristina Galante (Leixões). 18.º — Arménio Nenos (S. Jacinto). 21.º — Filipe Baiola (Leixões). 22.º — José Cerqueira (Leixões). 23.º — José Jesus Silva (Gafanha da Boa-Hora). 24.º — Luís Duarte (Benfica Santarém). 25.º — Álvaro Duarte (Benfica Santarém). 26.º — Fernando Biea (Benfica Santarém). 27.º — Arsénio Nogueira (Gafanha da Vagueira). 28.º — Maria Encarnação Rocha (Leixões). 29.º — Armindo Coelho (S. Jacinto). 30.º — Mário dos Santos (Vagos).

Por equipas: 1.º — Leixões, 46 pontos. 2.º — S. Jacinto, 91 pontos. 3.º — Benfica de Santarém, 95 pontos.

MEIA-MILHA Infantis

1.º — Olga Camacho (Algés). 2.º — Cláudia Ribeiro (Porto). 3.º — Mário Tejo (Casa Branca). 4.º — João Santos (Piedense). 5.º — António Martins (Piedense). 6.º — Ana Viegas Faria (Algés). 7.º — Ana Paula Rocha (Porto). 8.º — Vanda Saraiva (Porto). 9.º — Margarida Sousa (Sp. Aveiro). 10.º — Paula Borges (Sp. Aveiro). 11.º — Pedro Gabriel (Algés). 12.º — Alberto Filipe Fonseca (Sp. Aveiro). 13.º — Rosalina Ferreira (Porto). 14.º — Isabel Pereira (Torres Novas). 15.º — António Pessoa (Leixões). 16.º — Teresa Nunes (Torres Novas). 17.º — Paulo Alexandre (Torres Novas). 18.º — Graziela Soares (Sp. Aveiro). 19.º — Jorge Duarte (Torres Novas). 20.º — Paula Falcão Silva (Sp. Aveiro). 21.º — Laura Pereira (Leixões). 22.º — António Velha (Galitos). 23.º — Pedro Miguel Fonseca (Sp. Aveiro). 24.º — Ana Alves (Leixões). 25.º — Ana Margarida Cerqueira (Sp. Aveiro). 26.º — Alexandra Calmeiro (Covilhã). 27.º — José Penhor (Leixões). 28.º — Maria João Fontes (Sp. Aveiro). 29.º — José Fernandes Pinho (Sp. Aveiro). 30.º — Eugénia Gomes (Covilhã). 31.º — Paula Sofia Gomes (Sp. Aveiro). 32.º — Maria da Glória Pinto (Galitos).

Por equipas: 1.º — Sporting de Aveiro, 69 pontos.

MILHA Federados

1.º — Jaime Bento (Algés), 16.40. 2.º — João Pires Silva (Algés), 17.00. 3.º — Mário Soares (Algés), 17.23. 4.º — Rogério Silva (Porto), 17.30. 5.º — Vítor Marques (Piedense), 17.32. 6.º — José Pinto (Porto), 17.35. 7.º — Eduardo Lencastre (Porto), 17.48. 8.º — Amílcar Naldo (Algés), 17.52. 9.º — Fernando Teixeira (Algés), 17.53. 10.º — Paulo Azevedo (Algés), 18.08. 11.º — José Rui Paiva (Torres Novas). 12.º — Jaime Fidalgo (Algés). 13.º — Maria de Lourdes Silva (Cova da Piedade). 14.º — José Augusto Silva (Piedense). 15.º — José Borges (Porto). 16.º — José Mota (Porto). 17.º — Rui Paulo (Algés). 18.º — Pedro Matias (Casa Branca). 19.º — Cristina Oliveira (Porto). 20.º — José Praia (Algés). 21.º — Wilma Naldo (Algés). 22.º — Sofia Paulo (Algés). 23.º — Mário Maia (Leixões). 24.º — Alexandra Borges (Algés). 25.º — José Mariani (Fluvial). 26.º — Manuel Garrelhas (Algés), 27.º — João Pinto (Porto). 28.º — Pedro Laffont Silva (Sp. de Aveiro). 29.º — José Fidalgo (Algés). 30.º — Aida Leite (Porto).

Terminaram a prova cento e dois nadadores, alcançando os aveirenses (além do que já referimos) as seguintes classificações: 32.º — Paulo Pintassilgo; 41.º — Fernando Leite; 50.º — Luís Peres; 56.º — Jorge Crespo; 62.º — Fátima Patrício; 78.º — Ana Pina; 79.º — Teresa Almeida; 81.º — Fernando Pina; 82.º — Germano da Velha; e 95.º — Isabel Moutinho (todos do Sporting de Aveiro); 40.º — Eugénio Silva; 59.º — Luís Barroca; 68.º — António Pais; 69.º — Francisco Gamelas; 83.º — Francisco Amado; e 96.º — Regina Santos (todos do Galitos).

Por equipas: 1.º — Algés, 103 pontos. 2.º — Porto, 202 pontos. 3.º — Piedense, 445 pontos. 4.º — Torres Novas, 558 pontos. 5.º — Sporting de Aveiro, 589 pontos. 6.º — Leixões, 663 pontos.

As taças «Secretaria de Estado do Ambiente» e «Capitania do Porto de Aveiro» foram atribuídas, respectivamente, ao Algés (masculinos) e F. C. do Porto (femininos).

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 2 DO «TOTOBOLA»

2/3 - Setembro - 1978

1 — Sporting - Setúbal	1
2 — Guimarães - Boavista	1
3 — Estoril - Varzim	1
4 — Famalicão - Académico	1
5 — Beira-Mar - Marítimo	1
6 — A. Viseu - Belenenses	2
7 — Barreirense - Braga	1
8 — Porto - Benfica	X
9 — Arsenal - Queens Park	1
10 — Chelsea - Leeds	1
11 — Liverpool - Tottenham	1
12 — Manchester U. - Everton	1
13 — Wolverhampton - Bristol	X

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 3 DO «TOTOBOLA»

10 - Setembro - 1978

1 — Sporting - Guimarães	1
2 — Boavista - Estoril	1
3 — Varzim - Famalicão	1
4 — Académico - Beira-Mar	2
5 — Marítimo - Ac. Viseu	1
6 — Belenenses - Barreirense	1
7 — Braga - Porto	2
8 — Setúbal - Benfica	2
9 — Riopele - Leixões	1
10 — U. Tomar - Marinhense	1
11 — E. Portalegre - Portalegrense	X
12 — Seixal - Juventude	2
13 — Olhanense - Atlético	X

BELENENSES — BEIRA-MAR

Continuação da última página

de resto, decorreu sem problemas —, os beiramarenses (traídos pela sua deficiente condição física...) tiveram um colapso, que lhes foi fatal, quando arriscaram as derradeiras energias na possibilidades de chamarem a si a vitória.

Faltavam doze minutos para o fim — e foi o fim do Beira-Mar, no encontro que assinalou o seu regresso à I Divisão: no desenvolvimento de um «corner», e em insistência, com pontapé à meia-volta, AMARAL (78 m.) logrou inaugurar o marcador. Sentindo o golpe, abalados, os beiramarenses, de rajada, sofreram mais dois golos, apontados por CLÉSIO (80 m.) e CEPEDA (86 m.) e consentiram ainda outro, de AMARAL (89 m.) já sobre a hora...

O Belenenses, que era favorito, foi um vencedor justo. Mas os números finais pecam, sem dúvida, por muito exagerados. O Beira-Mar não merecia desnível tão acentuado.

EX-JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

Recebemos, há poucos dias, o Relatório da ex-Junta Distrital, referente ao ano de 1977. Sem tempo para nos determos sobre o importantíssimo documento, e porque urge apreciar o seu conteúdo, para aqui transcrevemos, com a devida vénia, as considerações que ele suscitou na Imprensa diária nortenha.

De «O Comércio do Porto» (24.Ag.78)

Permaneceu mau, durante o último ano, o ambiente de trabalho nos Serviços Técnicos de Fomento da ex-Junta Distrital, de acordo com as palavras do governador civil, inseridas no relatório referente a 1977, daquela autarquia.

«O clima já referido no anterior relatório não melhorou, sobretudo nos Serviços Técnicos de Fomento, e motivou o início de um inquérito àqueles Serviços, em 17 de Outubro de 1977, inquérito que se antolha demorado e difícil», observa o chefe do distrito nas «considerações finais» do relatório.

«Apesar da acção de presença que poderia derivar do simples andamento daquele processo, o clima dos Serviços Técnicos de Fomento permaneceu mau, como já se referiu», assinala-se no relatório.

Por outro lado, o chefe do distrito salienta que «a Junta Distrital foi extinta, mas importa, quanto a nós, transferir para organismos adequados, e no âmbito de Ministérios especializados, as actividades sectoriais existentes. Com efeito, não se compreende que actividades como as ligadas ao internato distrital e às casas da criança não estejam compreendidas no âmbito dos Assuntos Sociais e seu Ministério».

De «O Primeiro de Janeiro» (27.Ag.78)

No «Introito» ao relatório da gerência de 1977 da «ex-Junta Distrital de Aveiro», o governador civil do distrito, a quem compete a gestão daquela autarquia, frisa que ela «não tem existência legal neste momento, e mesmo antes da entrada em vigor da Lei n.º 79/77 já a não tinha por ter sido dissolvida, por despacho de 31-1-1975, passando para o governador civil, e a partir dessa data, a sua gestão».

Acrescenta todavia que «não cessou a sua actividade, e, por falta de clara sucessão legal ou transferência para outro organismo, continuou a existir em situação anómala, e tanto que poderá parecer estranho que o relatório da «ex-Junta Distrital» seja elaborado sob a responsabilidade de quem, durante o período de tutela, substituiu o Conselho do Distrito»...

«Porém, apesar de tal estranheza, o relatóio — conforme opina — constitui uma peça necessária à apreciação de uma tarefa administrativa que, não obstante as situações duvidosas insertas na chamada Lei da Competência das Autarquias e sua aplicação, deverá poder ser apreciada e julgada».

No que concerne à situação financeira, o relatório, referindo um saldo transitado de 1976, do montante de 9 004 977$40, regista, em 1977, uma receita de 35 832 507$10, e no decorrer do mesmo ano uma despesa global de 24 895 628$80.

Passou assim, para o ano corrente, um saldo de 19 931 855$70.

Deve observar-se, que na receita se incluem, de natureza extraordnária, verbas como 11 691 contos de «comparticipação do Estado nos encargos a suportar pela Junta com o funcionamento da Comissão de Planeamento da Região do Centro, e 5418 contos de comparticipação do Ministério da Administração Interna nas despesas com o pessoal.

Nas considerações com que encerra o relatório, o chefe do Distrito, Dr. Manuel da Costa e Melo, salienta que, «tal como sucedeu no ano anterior, a gerência não foi fácil, já pelas absorventes ocupações inerentes ao governador civil, já porque este não contou com todo o apoio necessário.

E, assim, além de citar o facto de o chefe da secretaria ter sido colocado, a seu pedido, na Câmara Municipal de Aveiro e os naturais reflexos desse facto, acrescenta:

«O clima já referido no anterior relatório não melhorou, sobretudo nos Serviços Técnicos de Fomento, e motivou o início de um inquérito àqueles serviços, em 17-10-1977 — inquérito que se antolha demorado». Omitindo, propositadamente, no relatório, quaisquer apreciações ou juízos de valor que/.../pudessem influir nas conclusões desse inquérito, observa:

«Apesar da acção de presença que poderia derivar do simples andamento daquele processo, o clima dos Serviços Técnicos de Fomento permaneceu mau».

E tirando conclusões da sua experiência da gestão da ex-Junta, acrescenta:

«A Junta Distrital foi extinta, mas importa, quanto antes, transferir para organismos adequados, e no âmbito dos Ministérios especializados, as actividades sectoriais existentes. Com efeito, não se compreende que actividades como as ligadas ao Internato Distrital e às Casas da Criança não estejam compreendidas no âmbito dos Assuntos Sociais e seu Ministério».

Do «Jornal de Notícias» (30.Ag.78)

Embora sem existência legal neste momento, por ter sido dissolvida por despacho de 31-1-75, a Junta Dstrital de Aveiro continua a funcionar, presidindo à sua gestão o governador civil.

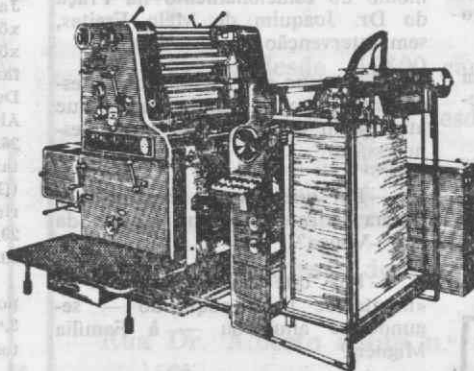
A situação financeira daquele órgão, segundo vem expresso no relatório da gerência do ano passado, apresentou uma receita de 35 832 507$10 e a despesa ascendeu a 24 895 628$80, o que, acumulado ao saldo que transitou de 1976, transitou para 1978 a expressiva verba de 19 941 855$70.

O relatório enumera de seguida a actividade desenvolvida ao longo do ano nos diversos sectores da Junta Distrital. No campo da assistência, a seu cargo — Internato Distrital de Aveiro e Casas da Criança de Águeda, Albergaria-a-Velha e Mealhada — o seu funcionamento correu sem grandes alterações, «embora com algumas e graves deficiências, principalmente no que diz respeito à falta de pessoal especializado nas Casas da Criança», acrescentando, no entanto, não se tomar qualquer atitude de fundo, «dado que se continua a aguardar, como já foi referido no relatório respeitante ao ano de 1976, que os mencionados estabelecimentos sejam transferidos para o Ministério dos Assuntos Sociais».

O total das despesas referentes às atribuições de assistência atingiu em 1977, 6 923 777$90.

Nas suas considerações finais, o governador civil afirma que «a gerência não foi fácil, porque para além da natural complexidade e indisponibilidade de tempo» de sua parte, não se contou com o apoio necessário e, neste aspecto salientou a saída do chefe da secretaria, a partir de 1 de Julho de 1977, que foi colocado na Câmara Municipal e cuja falta foi notória, «apesar de toda a boa vontade, competência e dedicação do restante pessoal da secretaria».

O mesmo já não se constata ao nível dos Serviços Técnicos de Fomento, órgão de capital importância no apoio às autarquias locais. Segundo denuncia o governador civil, o clima de mal-estar ali não melhorou, o que «motivou o início de um inquérito àqueles serviços, em 17 de Outubro de 1977, inquérito que se antevê demorado e difícil».

«A Junta Distrital foi extinta, mas importa quanto antes transferir para organismos adequados e no âmbito de ministérios especializados, as actividades sectoriais existentes» — observa noutro trecho o relatório e refere que «não se compreende que actividades como as ligadas ao Internato Distrital e às Casas da Criança não estejam compreendidas no âmbito dos Assuntos Sociais e seu Ministério».

METALURGIA CASAL, S. A. R. L.

Relatório, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal — 1977

RELATÓRIO

Para cumprimento de disposições legais e estatutárias, vimos submeter à apreciação e deliberação da Assembleia Geral o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas, referentes ao exercício de 1977.

1. **CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Ao longo do exercício de 1977 a actividade da Metalurgia Casal, S.A.R.L. exerceu-se num contexto económico em que se mantiveram (se é que não se agravaram), alguns dos desajustamentos mais graves que afectam a Economia Nacional:

— persistência e consolidação das tensões inflacionistas;
— «deficits» do Orçamento Geral do Estado e do sector público em geral;
— desiquilíbrios da balança comercial e da balança de pagamentos.

Assim, verificou-se um agravamento generalizado dos custos de produção (quer directos, quer indirectos) designadamente:

Matérias-Primas;
Mão-de-obra;
Impostos e Taxas de Juro.

Tais agravamentos foram minorados, fundamentalmente, pela conjugação de três factores:

— Recuperação da produtividade do trabalho. Esta recuperação é evidenciada pelos valores de produção verificados em 1977 (em termos de unidades físicas), que relativamente a 1976 apresentam um aumento de aproximadamente 25%;
— Manutenção da procura dos n/ produtos quer no mercado interno, quer nos mercados externos. De referir que em 1977 a Metalurgia exportou aproximadamente 60 000 000$00, o que representa um aumento de 300% relativamente a 1976. No mercado interno verificou-se que o volume de vendas em 1977, relativamente a 1976, aumentou em 39,1% (a preços de 1977) e em 22,3% (a preços de 1976);
— Rectificação de preços que, por força das circunstâncias, apenas cobriu parte da explosão de custos verificada.

2. **ANÁLISE FINANCEIRA E ECONÓMICA**

2.1. **Situação Financeira**

Pela análise comparada entre a situação financeira verificada em 31/12/76 e 31/12/77, conclui-se que a curto, médio e longo prazo, em 31 de Dezembro de 1977 a situação financeira da empresa se mantém estacionária. Esta situação é devida, não obstante os invetimentos a curto prazo efectuados (aumento, relativamente a 1976, nas existências em 57 139 contos), aos resultados obtidos no exercício, o que assegura a capacidade de produção da empresa (em termos de M. P.) para 1978.

Procurou-se, assim, atenuar os efeitos negativos, que representa a actual situação da n/ Balança de pagamentos (altamente deficitária).

2.2. **Situação Económica**

O CASH-FLOW da Empresa em 1977 (aproximadamente 80 961 contos) permitiu, que a Metalurgia Casal, S.A.R.L. mantivesse o seu plano de investimentos, programado para 1977, 1978 e 1979, no sentido de dimensionar a Empresa p/ um nível Europeu (face às perspectivas da integração de Portugal na C.E.E.) quer em qualidade, quer em volume de produção, sem desequilibrar a sua situação financeira a curto e médio prazo. Em 1977 o investimento já efectuado (stocks, máquinas, construções, introdução de novos métodos de produção e racionalização dos processos de fabrico já existentes), visando a melhoria de qualidade dos produtos já tradicionalmente fabricados, bem como uma diversificação de produção (máquinas agrícolas, moto-segadeiras, moto-serras, moto-cultivadoras) atingiu o valor de 200 000 contos (investimento este realizado quer através de auto-financiamento, quer através de recurso ao crédito interno e externo).

De acrescentar, que a Metalurgia Casal nesta fase de investimento, suportou ao longo de 1977, todos os agravamentos de ordem financeira e económica, resultantes das sucessivas desvalorizações do escudo (90% do equipamento adquirido e a adquirir são de origem estrangeira), bem como dos aumentos da taxa de juro, que se verificaram, simultaneamente, em 1977.

Aproveitamos, em conclusão, para propor à Assembleia que consagre em Acta, um voto de louvor a todos os colaboradores desta Casa, pelo esforço e compostura que colocaram na execução das tarefas que lhes foram confiadas, bem como pelo entusiasmo e perseverança com que se votaram à reestruturação e dinamização da empresa.

Agradecemos também ao Conselho Fiscal, a todos os nossos Clientes, Fornecedores e Instituições de Crédito em Geral, a colaboração e confiança que sempre prestaram à Empresa.

Assim, propomos:

a) Que sejam aprovadas as contas apresentadas

b) Que ao saldo da Conta de Lucros e Perdas seja dada a seguinte aplicação:

1)	Amortização de prejuízos anteriores	5 034 295$90
2)	Fundo de Reserva Legal	2 511 630$50
3)	Dividendos	2 700 000$00
4)	Reserva para Investimentos	39 986 683$90

Aveiro, 31 de Maio de 1978

A Administração:

João Francisco do Casal
Manuel Francisco do Casal
José de Matos Lima

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1977

Existências Iniciais:			
Matérias-Primas, Subsidiárias e de Consumo	64 441 416$00	+ 64 441 416$00	
Compras:			
Matérias-Primas, Subsidiárias e de Consumo	280 305 753$80	+280 305 753$80	
Existências Finais:			
Matérias-Primas, Subsidiárias e de Consumo	104 118 478$10	—104 118 478$10	
Custo das Existências Vendidas e Consumidas:			
Matérias-Primas, Subsidiárias e de Consumo		240 628 691$70	
Fornecimentos e Serviços de Terceiros	37 473 627$60		
Impostos Indirectos	7 799 881$90	45 273 509$50	285 902 201$20
Despesas com o Pessoal	161 151 151$70		
Despesas Financeiras	18 340 737$50		
Outras Despesas e Encargos	965 202$90	180 457 092$10	
Amortizações e Reintegrações do Exercício	15 084 221$70		
Provisões do Exercício	15 645 545$40	30 729 767$10	211 186 859$20
A			497 089 060$40
Perdas Extraordinárias do Exercício		1 277 740$90	
Perdas de Exercícios Anteriores		1 103 720$50	2 381 461$40
Resultados Líquidos			50 232 610$30
			549 703 132$10

Vendas de Mercadorias e Produtos:			
Produtos Acabados e Semi-Acabados	493 124 719$40		
Sub-produtos, Desperd., Resíduos e Refugos	11 417 220$10	504 541 939$50	504 541 939$50
Trabalhos para a Própria Empresa			20 675 563$10
Variação de Produções			
Existências Finais:			
Prod. Acab. e Semi-Acab.	36 975 927$80		
Sub., Desp., Res. e Refugos	159 165$00		
Prod. e Trab. em Curso	25 895 235$30	+63 030 328$10	
Existências Iniciais:			
Prod. Acab. e Semi-Acab.	26 633 497$00		
Sub., Desp., Res. e Refugos	1 152 704$00		
Prod. e Trab. em Curso	17 781 744$00	—45 567 945$00	
Aumento/Redução:			
Prod. Acab. e Semi-Acab.	+10 342 430$80		
Sub., Desp., Res. e Refugos	— 993 539$00		
Prod. e Trab. em Curso	+ 8 113 491$30	+17 462 383$10	
Subsídios Destinados à Exploração	74 445$60		
Receitas Suplementares	3 730 178$30	3 804 623$90	21 267 007$00
Receitas Financeiras Correntes	460 876$90		
Receitas de Aplicações Financeiras	698 386$90	1 159 263$80	1 159 263$80
B			547 643 773$40
Ganhos Extraordinários do Exercício		149 103$40	
Ganhos de Exercícios Anteriores		1 910 255$30	2 059 358$70
			549 703 132$10

O Técnico de Contas

Afonso José Tito Lopes

A Administração:

João Francisco do Casal
Manuel Francisco do Casal
José de Matos Lima

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

ACTIVO		Activo Bruto	Provisões, Amort. e Reintegrações	Activo Líquido
Disponibilidades:	Caixa	163 180$60		163 180$60
	Depósitos à Ordem	11 479 749$90		11 479 749$90
		11 642 930$50		11 642 930$50
Créditos a Curto Prazo:	Clientes C/ Gerais	59 534 772$90	4 167 434$10	55 367 338$80
	Clientes C/ Let. Out. T. Rec.	3 257 675$90	228 037$30	3 029 638$60
	Fornec. C/ Corrente	390 453$20		390 453$20
	Adiantam. a Fornecedores	1 484 040$20		1 484 040$20
	Outros Emprést. Concedidos	506 011$60		506 011$60
	Accionistas C/ Gerais	1 288 678$90		1 288 678$90
	Outros Devedores	2 780 369$10	84 091$80	2 696 277$30
		69 242 001$80	4 479 563$20	64 762 438$60
Existências:	Prod. Acab. e Semi-Acab.	36 975 927$80	7 395 185$50	29 580 742$30
	Subprod., Desp., Res., Ref.	159 165$00	31 833$00	127 332$00
	Prod. e Trabalh. em Curso	25 895 235$30	4 962 423$10	20 932 812$20
	Mat.-Primas, Subs. e Cons.	104 118 478$10	20 823 695$60	83 294 782$50
		167 148 806$20	33 213 137$20	133 935 669$00
Imobil. Financeiras:	Particip. de Cap. em Assoc.	13 308 770$00		13 308 770$00
	Part. de Cap. noutras Empr.	255 500$00		255 500$00
	Part. Cap. na Próp. Empresa	558 600$00		558 600$00
		14 122 870$00		14 122 870$00
Imob. Corpóreas:	Terrenos e Recurs. Naturais	662 428$00		662 428$00
	Edifícios e Outr. Construc.	26 341 768$40	5 864 016$40	20 477 752$00
	Equi. Bás., out. Máq. e Inst.	112 422 274$20	75 632 285$60	36 789 988$70
	Ferramentas e Utensílios	26 343 444$90	16 946 340$80	9 397 104$10
	Material de Carga e Transp.	2 923 028$90	834 922$50	2 088 106$40
	Equi. Adm. Soc. e Mob. Div.	7 772 815$80	3 762 427$20	4 010 388$60
		176 465 760$20	103 039 992$40	73 425 767$80
Imob. Incorpóreas:	Gastos de Inst. e Expansão	823 606$40	823 606$40	
	Outras Imob. Incorpóreas	20 381 540$30	19 949 817$10	431 723$20
		21 205 146$70	20 773 423$50	431 723$20
Imob. em Curso:	Obras em Curso	10 943 694$60		10 943 694$60
	Imobilizações C/ Adiantam.	10 315 310$80		10 315 310$80
		21 259 005$40		21 259 005$40
Custos Antecipados:	Despesas Antecipadas	338 284$80		338 284$80
	Total de Provisões		37 692 700$40	
	Total de Amort. e Reint.		123 813 415$90	
	Total do Activo	481 424 805$60	161 506 116$30	319 918 689$30

PASSIVO		
Débitos a Curto Prazo:	Clientes C/C	607 314$40
	Fornecedores C/ Gerais	33 147 572$60
	Forn. C/ Let. Out. T. Pagar	57 825 792$60
	Forn. C/ Fac. Recep. Confer.	2 593 941$60
	Empréstimos Bancários	18 950 513$50
	Sector Público Estatal	9 324 242$00
	Accionistas C/ Gerais	107 443$20
	Outros Credores C/ Gerais	12 422 686$80
	Provisões p/ Riscos e Enc.	13 153 188$90
		148 132 695$60
Débitos a Médio e Longo Prazos:	Emprést. Bancários	57 058 571$70
	Total do Passivo	205 191 267$30
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Capital Prest. Suplementares:	Capital Social	60 000 000$00
Reservas:	Reserva para Investimentos	3 285 263$30
	Reserva Legal	1 243 844$30
	Reservas Livres	5 000 000$00
		9 529 107$60
Resultados transitados:	Exercício de 1975	— 6 024 889$60
	Exercício de 1976	990 593$70
		— 5 034 295$90
Resultados Líquidos:	Result. Cor. do Exercício	50 554 713$00
	Result. Extraordin. Exercício	— 1 128 637$50
	Result. de Exercíc. Anterior	+ 806 534$80
	Resultados Líquidos	50 232 610$30
	Total da Sit. Líquida	114 727 422$00
	Total do Passivo e Situação Líquida	319 918 689$30

O Técnico de Contas

Afonso José Tito Lopes

A Administração:

João Francisco do Casal
Manuel Francisco do Casal
José de Matos Lima

MAPA DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS DA METALURGIA CASAL, S.A.R.L.

Acções/Quotas Sociedades	N.º de Acções	Valor Nominal	Valor Nominal Total	Valor de Aquisição	Valor de Aquisição Total	Valor Actual	Valor Actual Total
ANÓNIMAS							
Fáb. de Aut. Port., S.A.R.L.	50	500$00	25 000$00	500$00	25 000$00	500$00	25 000$00
Ancora - Soc. Nav. de Aveiro	50	1 000$00	50 000$00	1 000$00	50 000$00	1 000$00	50 000$00
Metalurgia Casal, S.A.R.L.	37	1 000$00	37 000$00	1 000$00	37 000$00	1 000$00	37 000$00
Metalurgia Casal, S.A.R.L.	16	1 000$00	16 000$00	1 350$00	21 600$00	1 000$00	16 000$00
Metalurgia Casal, S.A.R.L.	500	1 000$00	500 000$00	1 000$00	500 000$00	1 000$00	500 000$00
B. Intercontinen. Port. - Lisboa	35	1 000$00	35 000$00	5 000$00	175 000$00	1 000$00	35 000$00
C.ª de Seguros Atlas - Lisboa	11	100$00	1 100$00	500$00	5 500$00	100$00	1 100$00
SOCIED. P/ QUOTAS							
Metalurgia Casal (Ang.), Lda.			1 650 000$00		1 650 000$00		1 650 000$00
Marcel. dos Santos & C.ª, Lda.			4 850 000$00		8 095 770$00		4 850 000$00
Fundador - S. I. Sangal., Lda.			2 000 000$00		2 000 000$00		2 000 000$00
Veículos Casal, Lda.			1 000 000$00		1 063 000$00		1 000 000$00
Sotam - Fáb. de Aces. p/ Bicic. e Motorizadas			1 000 000$00		500 000$00		500 000$00
Total . . .			11 164 100$00		14 122 870$00		10 664 100$00

O Técnico de Contas

Afonso José Tito Lopes

A Administração:

João Francisco do Casal
Manuel Francisco do Casal
José de Matos Lima

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

No desempenho das suas funções legais e estatutárias, o Conselho Fiscal acompanhou muito de perto a gestão da Empresa. Fez assíduos exames e verificações aos diferentes documentos que servem de suporte à Contabilidade e analisou, mensalmente, a extensão de todos os valores das Contas do sistema de representação patrimonial.

Estamos seguros de que o Balanço e Contas, ora apresentados, definem a situação económica-financeira da Empresa, sendo os seus elevados índices corolário de uma eficiente e arrojada Administração.

Efectivamente, o extraordinário aumento da produtividade e os correlativos resultados são frutos de um trabalho insano na renovação de técnicas e equipamento que, na conjuntura actual, só um espírito de pioneiro arriscaria.

O Presidente do Conselho de Administração, ao retomar as rédeas da fábrica numa hora difícil da sua existência, apostou na sua capacidade de trabalho, que já não desejaria pôr à prova, e no empenho dos seus fiéis colaboradores que acabou por contagiar.

O Relatório da Administração dá-vos uma síntese, do que foi a Metalurgia Casal, nos seus diferentes aspectos, mas não foca o seu «leit motiv» e seria deveras injusto o Conselho Fiscal, que acompanhou muito de perto a nova e a mais brilhante arrancada da Empresa, deixar de apontar o fautor dos resultados alcançados.

O poder real de compra dos trabalhadores portugueses, dia a dia a deteriorar-se, é razão bastante para recear uma certa retracção do mercado interno de motoizadas pelo que achamos muito acertada e de larga visão, a política de diversificação dos produtos e da conquista de mercados externos.

Os critérios valorimétricos, que mereceram reparo deste Conselho Fiscal no anterior Parecer, foram os mesmos. Todavia, com a modernização porque estão a passar os serviços de apoio, recorrendo a meios de Informática, foi já possível estabelecer, para o ano de 1978, um critério de valorimetria mais ajustado à actual conjuntura inflacionista.

As reintegrações foram feitas dentro dos parâmetros permitidos pela Portaria n.º 21867.

As provisões, num critério de boa prudência, visam acautelar eventuais perdas e foram, igualmente, determinadas pelos princípios estabelecidos na Lei Fiscal.

Este Conselho deseja realçar todas as facilidades e a colaboração que lhe foram concedidas, quer pela Administração, quer pelos serviços Administrativos.

Finalmente deseja chamar a atenção para o facto de que o preenchimento da vaga de Administrador, deverá obedecer ao imposto por Lei recentemente promulgada: Os Conselhos de Administração das Sociedades Anónimas terão de ser formados por um número ímpar de Administradores.

Assim, somos do parecer que:

1) O Relatório, Balanço e Contas devem merecer a Vossa Aprovação;

2) Aos resultados apurados seja dado o destino proposto pelo Conselho de Administração, considerando os investimentos em curso;

3) Seja dado o Vosso acordo à alteração dos Estatutos, cuja proposta pelo desinteresse material da Administração, é digna de louvor;

4) Aproveis um voto de louvor à Administração e a todos os colaboradores da Empresa pela comunhão de esforços e contributo dado para que se atingisse aquilo que, com propriedade, podemos chamar o Ano Áureo da Metalurgia Casal.

Aveiro, 15 de Junho de 1978

O Conselho Fiscal:

Dr. Miguel Pinto de Menezes
Dr. Artur Alves Moreira
Dr. Joaquim Oliveira da Cruz
(Revisor Oficial de Contas)

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 23 de Agosto de 1978, de fls. 33 a 34, do livro de escrituras diversas N.º 531-A, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, Maria de Anunciação Vinagre Moreira Fontes, cedeu a quota que possuía no capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «A Estrela, Santos, Limitada, com sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho n.º 145, desta cidade, renunciando à gerência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 25 de Agosto de 1978.

O AJUDANTE,

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 1/9/78 — N.º 1214

Desportos

Continuações da última página

Andebol de 7

horários dos treinos ficaram assim estabelecidos: seniores e juniores — terças, quartas e quintas-feiras (21.15 horas) e sábados (15.30 horas); juvenis — quartas e sextas-feiras (18.30 horas); iniciados — quartas-feiras (18.30 horas) e sábados (9 horas); equipas femininas — segundas e sextas-feiras (18.30 horas).

Em fecho: quanto ao «plantel» dos seniores, podemos noticiar que se manterão no Beira-Mar todos os elementos da época passada, à excepção de Mário Garcia, que se transferiu para o Amoníaco Português, de Estarreja.

MOTOCROSS

3.º — Manuel Pereira dos Santos. 4.º — José Augusto Pinheiro. 5.º — Óscar Oliveira. 6.º — Alcides Melo. 7.º — José Carlos Costa. 8.º — Joaquim Manuel dos Santos Teixeira. 9.º — António Lima Macieira. 10.º — Joaquim Araújo Cunha.

125 cc. — 1.º — Carlos Manuel Santos Garrido. 2.º — Júlio Duarte Pita.

Xadrez de Notícias

Os restantes jogos realizam-se no domingo — principiando todos eles às 16 horas.

Em votação feita entre si, os futebolistas do Beira-Mar escolheram para «capitão» de equipa Manecas e designaram para seus substitutos Sousa e Vala.

Couceiro Figueira, antigo e bem lembrado treinador do Beira-Mar, orienta, este ano, as equipas da Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz. Entretanto, Armindo Pinho — que foi «crack» da Oliveirense, do Beira-Mar e do Alba — deverá assumir as funções de técnico de um clube da II Divisão da A. F. de Aveiro.

Em Águeda, no último domingo, em jogo amistoso, para rodagem das respectivas turmas, o Recreio empatou, sem golos, com o Sporting de Espinho.

Visando o regresso à III Divisão Nacional, a Ovarense acautelou, devidamente, a disputa do próximo Distrital aveirense — reforçando-se, de modo notável.

Adé (antigo beiramarense) será jogador-treinador e disporá dos seguintes «recrutas»: Saavedra, Anjos e Silva (todos ex-Oliveirense), Sousa e Carvalho (ambos ex-Arrifanense), «Puskas» (ex-Esmoriz), Ferreira (ex--Oliveira do Bairro) e João Pereira (ex-Paços de Brandão).

Vão iniciar-se na próxima terça-feira, pelas 19 horas, os treinos dos basquetebolistas do Beira-Mar — que irá ter, este ano, equipas femininas (encontram-se abertas inscrições para jovens, dos 12 aos 14 anos, que desejem representar o clube auri-negro).

Reforço valioso para os beiramarenses: — o treinador Mário Rocha, que será o Coordenador Geral do Basquetebol do Beira-Mar.

FUTEBOL CLUBE DO BOM SUCESSO

No jogo inaugural, entre **velhas-guardas**, o F. C. Bom-Sucesso perdeu, por 8-2 (3-0 ao intervalo) com um misto de jogadores da freguesia de Aradas.

Sob arbitragem do sr. António Oliveira, auxiliado por Luís Garisio e Simão Silva, as equipas formaram deste modo:

F. C. Bom-Sucesso — Rocha; Rogério, Manuel Ribeiro e João Ramos; Augusto, Madail e Aurélio; «Néu-Moleiro», Jacinto, Basílio e Manuel Dias. Na segunda metade, alinhou ainda João Vieira da Rocha.

Misto de Aradas — Gil; Helder Vitória, Costa, Dino Saraiva e Maio; António Moreira e Limas; Carlos Madail, Maximino, Álvaro Moreira e Manuel Madail. Alinharam ainda, na segunda parte: Correia, Gabriel e Saul.

Marcaram os golos: pelos vencedores, Álvaro Moreira, Manuel Madail, Carlos Madail (2), Rogério (na própria baliza), Gabriel, António Moreira e Maximino; e, pelos vencidos, Basílio e Manuel Ribeiro (este de grande penalidade).

A partida de fundo, pôs frente-a--frente, sob arbitragem do sr. Licínio Gomes, coadjuvado pelos «bandeirinhas» Carlos Alberto e Herculano Silva (da Comissão Distrital de Aveiro), as turmas principais do F. C. Bom-Sucesso e do C. F. Carregal do Sal.

Os grupos apresentaram os seguintes elementos:

Bom-Sucesso — Carlos Manuel; Lobo, Moreira, Gaspar e Marta; Cunha, Fernando Monteiro e Zé Maria; Raul Monteiro, Edgar e Manuel. **Suplentes:** Adão, Gilberto, Barbosa, Jorge, Cunha II, Teto, Cassiano, João e Pratas.

Carregal do Sal — Jorge; Aníbal, Amaro, Canádo e Ramiro; Lopes, Ilídio e Pimpão; Vítor, Arnaldo e Eduardo. **Suplentes:** José Cruz, Veloso e Teixeira.

A partida decorreu com manifesto interesse: os visitantes (que ascenderam à I Divisão da Associação de Futebol de Viseu) denotaram possuir conjunto mais afinado e mais rodado; mas os visitados, batendo-se com muito entusiasmo, lograram emprestar um cunho de equilíbrio ao prélio.

Na primeira parte, e no desenvolvimento de pontapés de canto, o Carregal fez dois golos (aos 22 m., em recarga oportuna de PIMPÃO, e, aos 42 m., em golpe de cabeça de VITOR), a que o Bom-Sucesso respondeu, aos 34 m., com um tento rubricado por ZÉ MARIA. Será de referir que, aos 39 m., Raul Monteiro, de cabeça, levou a bola a embater num poste da baliza contrária.

Após o intervalo, aos 64 m., BARBOSA repôs a igualdade, concluindo excelente jogada de Cassiano; mas o Carregal do Sal, aos 73 m., garantiu o triunfo final (desfecho aceitável), quando LOPES converteu vitoriosamente uma grande penalidade, assinalada por mão de Jorge.

●

No intervalo do encontro principal da jornada, foram entregues prémios referentes à prova de atletismo e distribuídas medalhas comemorativas da inauguração do Campo da Costeira a todos os atletas que tomaram parte no desfile e dos desafios de futebol.

Houve ainda lembranças para as esposas do Presidente do Município e do médico do clube (Dr. Ernesto Paiva).

Num dos topos do recinto, um conjunto musical — que, antes, assinalara festivamente todos os golos marcados nos dois jogos e se exibira nos intervalos — abrilhantou um animado arraial, onde não faltaram petiscos (sardinhas e caldo verde) e bom vinho...

Houve, por fim, um jantar de confraternização.

Futebol de 7

Está a desenrolar-se, no campo de jogos da Quinta do Simão, o **I Torneio de Futebol de 7**, numa organização do clube local.

Participam catorze equipas divididas em duas séries, sendo cada uma formada do seguinte modo: **Série A** — Choras-A, Beymar Motor, Arsenal de Canelas, José Estraga, Estrelas de Milão, Café Vouga e Azuis do Fial. **Série B** — Águias de Azenha, Bairro de Sá, Velhas Guardas, Juventude, Of. A. Oliveira, Choras-B e «Os Pélés».

Os jogos realizam-se todos os sábados de tarde (4) e domingos de manhã (2).

As Edilidades e o Desporto

O Grupo Desportivo da Quinta do Simão tomou conhecimento de que, por motivo de obras no campo da firma Paula Dias para largo das feiras, as balizas ali existentes iriam ser retiradas.

Prontamente foi endereçada à Câmara Municipal de Aveiro uma missiva em que aquele clube pedia lhes fossem concedidas as referidas balizas.

A resposta foi dada pela Câmara Municipal que informava o Presidente deste Clube amador de que não estava prevista qualquer eliminação do referido campo de jogos.

— «Não foi o que se esperava — disse-nos o presidente do clube — mas ficamos satisfeitos em, pelo menos merecermos uma resposta, pelo que ficamos gratos à Câmara Municipal.

A. L.

N. do A. — E já agora, senhores da Câmara Municipal de Aveiro, não quererão vir um dia à Quinta do Simão para ver como vive este povo? Não temos esgotos; não temos uma escola para os nossos filhos que se deslocam, ao longo da Variante, até Esgueira; contentores para a recolha de detritos caseiros também não há; Enfim. Não podemos nomear tudo o que não temos senão este jornal teria de dedicar uma edição especial à localidade e por isso vamos dizer só o que temos.

Temos uma forte vontade de viver condignamente e com o indispensável de comodidades que não se deverão negar a qualquer ser humano.

Um novo filiado na A. F. Aveiro

GRUPO DESPORTIVO DO CARMO

No próximo Campeonato Distritall da II Divisão da Associação de Futebol de Aveiro, vai estrear-se uma nóvel colectividade da vizinha Gafanha — o GRUPO DESPORTIVO DO CARMO.

Formado recentemente, mercê do entusiasmo de um punhado de jovens, interessados em jogar futebol, o Grupo Desportivo do Carmo projecta construir, em breve, o seu próprio campo de jogos. Até lá, entretanto, utilizará as instalações do Campo do Forte — tanto para treinos, com para jogos.

À frente da turma principal, como jogador-treinador, o Grupo Desportivo do Carmo apresenta Alex (Alexandrino Manuel de Jesus), que foi juvenil do Leixões, na época de 1969-70, e representou o F. C. do Bom-Sucesso, na temporada finda.

Campeonato Nacional da I Divisão

Minutos finais foram desastrosos...

BELENENSES, 4 BEIRA-MAR, 0

Jogo no sábado, à noite, no Estádio do Restelo, em Lisboa. Árbitro: Marques Pres; fiscais de linha: Rui Santiago e Francisco Periquito — da Comissão Distrital de Setúbal.

As equipas:

Belenenses — Rui Paulino; Esmoriz, Luís Horta, Alhinho e Carlos Pereira (Eurico, aos 70 m.); Vasques, Isidro (Sambinha, aos 68 m.) e Hertz; Amaral, Clésio e Cepeda.

Beira-Mar — Peres; Manecas, Quaresma, Sabú e Soares; Veloso (Germano, aos 46 m.), Leonel e Vala; Camegim (Garcês, aos 46 m.), Sousa e Keita.

Mercê dum plano bem congeminado e bem executado, os beiramarenses emprestaram um clima de grande **suspense** ao jogo do Restelo — que só veio a decidir-se na fase final, muito perto do seu termo, quando os adeptos do Belenenses já duvidavam das possibilidades de êxito da turma azul...

De facto, os auri-negros, actuando sobre a defesa, procurando fechar os caminhos para a sua baliza e evitar situações de remate aos seus adversários — sem enjeitarem os ensejos para se lançarem no contra-ataque — aguentaram bem o zero-a-zero durante 78 dos 90 minutos regulamentares ...

A escassa distância para o apito final do árbitro — que produziu trabalho de bom nível, em desafio que,

Continua na página 5

ARQUIVO

Resultados da 1.ª jornada

Boavista - Sporting	2-0
Varzim - V. Guimarães	1-0
Ac.º Coimbra - Estoril	0-0
Marítimo - Famalicão	3-0
Belenenses - BEIRA-MAR	4-0
Braga - Ac.º Viseu	4-0
Benfica - Barreirense	1-0
V. Setúbal - Porto	0-1

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Belenenses	1	1	0	0	4-0	2
Braga	1	1	0	0	4-0	2
Marítimo	1	1	0	0	3-0	2
Boavista	1	1	0	0	2-0	2
Porto	1	1	0	0	1-0	2
Benfica	1	1	0	0	1-0	2
Varzim	1	1	0	0	1-0	2
Estoril	1	0	1	0	0-0	1
Ac.º Coimbra	1	0	1	0	0-0	1
V. Guimarães	1	0	0	1	0-1	0
Barreirense	1	0	0	1	0-1	0
V. Setúbal	1	0	0	1	0-1	0
Sporting	1	0	0	1	0-2	0
Famalicão	1	0	0	1	0-3	0
Ac.º Viseu	1	0	0	1	0-4	0
BEIRA-MAR	1	0	0	1	0-4	0

Próxima jornada

Sporting - V. Setúbal
V. Guimarães - Boavista
Estoril - Varzim
Famalicão - Ac.º Coimbra
BEIRA-MAR - Marítimo
Ac.º Viseu - Belenenses
Barreirense - Braga
Porto - Benfica

"FESTA da RIA"

Não conseguimos obter ainda as classificações finais (geral e dentro de cada classe de barcos) referente ao XVII Cruzeiro da Ria — a já tradicional maratona-vélica organizada pela Secção Náutica da Associação Desportiva Ovarense.

Isso nos impede de arquivar, no presente número, os resultados das regatas disputadas entre Ovar e Aveiro (no dia 10 de Agosto) e entre Aveiro e Ovar (no dia imdiato) e que, conforme notícias oportunamente trazidas a este jornal, se integraram no programa geral da «Festa da Ria».

MILHA DA COSTA NOVA-78

Em organização da Associação de Natação de Aveiro (com colaboração da Federação Portuguesa de Natação) e contando com diversos patrocinadores (Secretaria de Estado do Ambiente, Governo Civil de Aveiro, Delegação de Aveiro da D.G.D., Capitania do Porto de Aveiro, Comissão Municipal de Turismo de Ílhavo, Junta Autónoma do Porto de Aveiro, Fábrica da Vista-Alegre, Decocer e jornal «Porta Voz», de Ílhavo, disputou-se, na tarde do penúltimo domingo, a **Milha da Costa Nova - 78.**

A prova — como noticiámos já, no LITORAL da semana finda — reuniu perto de duas centenas de concorrentes e constituiu assinalável êxito, desportivo e espectacular. Um êxito que, sem dúvida, poderá servir para rampa de lançamento da competição (já integrada no calendário oficial da Federacção Portuguesa de Natação), em futuras edições, projectando-a, tanto a nível nacional como, porventura, a nível internacional (ou, no mínimo, ibérico).

Sucessora das «meias-milhas» efectuadas nos anos anteriores, a **Milha da Costa Nova - 78** integrou provas — cujos resultados adiante registamos. Na corrida principal, para nadadores federados, tivemos atletas dos seguintes clubes: Associação Recreativa Casa Branca (de Coimbra), Benfica de Santarém, Clube Desportivo da Covilhã, Clube Desportivo de Torres Novas, Clube Fluvial Portuense, Clube Desportivo da Cova da Piedade, Clube dos Galitos, Futebol Clube do Porto, Leixões Sport Clube, Sociedade Filarmónica União Ar-

Continua na página 5

Nas fotos — de autoria de MANUEL CUNHA — vemos dois momentos do programa da MILHA da COSTA NOVA-78: ao lado, nadadores a concluirem a prova; em baixo, pára-quedistas chegados ao solo.

EM JOGO AMISTOSO

União de Coimbra, 1—Beira-Mar, 3

Visando, sobretudo, rodar as duas equipas e proporcionar aos beiramarenses a necessária ambientação a desafios nocturnos, antes do jogo-estreia dos auri-negros no Nacional da I Divisão, disputou-se no Estádio Municipal de Coimbra, na noite da penúltima quarta-feira, o prélio amistoso supra mencionado.

Sob arbitragem do sr. Manuel Veiga, da Comissão Distrital de Coimbra, as turmas alinharam deste modo:

União — Sousa; Loureiro, (Valido), Machado, Feliz e Carlos Ferreira; Taborda, Silvestre e Cândido; Toninho, José Carlos (Seabra) e Marçalo (Trindade).

Beira-Mar — Peres; Manecas, Quaresma, Sabú e Soares; Leonel (Germano), Vala (Cremildo) e Veloso (Cambraia); Camegim (Garcês), Sousa e Keita.

A partida teve fases de muito agrado, sendo notório o ascendente da turma de Aveiro — sobretudo na segunda metade do jogo. Ao intervalo, havia 1-1 (golos de Keita, aos 4 m., pelos bairamarenses, e Feliz, aos 10 m., de grande penalidade, pelos unionistas). Após o recomeço, com tentos de Keita, aos 46 m., e Sousa, aos 64 m., o Beira-Mar assegurou o triunfo.

ANDEBOL DE SETE

Nova época do

BEIRA-MAR

Com vista à nova época, a Secção de Andebol do Beira-Mar (que terá, como dirigentes, Anastácio, Casal, Vidal Russo e Carlos Cardoso) não contará com o concurso de José Manuel Pintassilgo, treinador dos seniores no ano findo — que, em consequência dos seus afazeres, não pode continuar nesse posto.

Em sua substituição, volta a desempenhar essas funções, como jogador-treinador, o guarda-redes José Januário. Nas restantes equipas beiramarenses, serão treinadores David Manita (juniores e iniciados) e Alfredo Vaz Pinto (juvenis e equipas femininas, tendo como adjuntas Lúcia e Amélia Dias).

Durante o mês de Setembro, os

Continua na penúltima página

NO DOMINGO, EM JORNADA FESTIVA, O

FUTEBOL CLUBE DO BOM-SUCESSO

inaugurou o

CAMPO DA COSTEIRA

Cumprindo-se o programa que divulgámos no número da semana finda, o Futebol Clube do Bom-Sucesso viveu, no passado domingo, uma jornada festiva — assinalando a inauguração do Campo da Costeira. Pela manhã, disputou-se uma prova de atletismo, para «populares», num percurso entre a sede e o campo de jogos (aproximadamente, 5.000 metros), competindo perto de vinte atletas, dos quais se classificaram, pela ordem indicada a seguir:

1.º — Orlando Balseiro (A.D.A.C.). 2.º — Aniceto Vieira Gonçalves (Bom-Sucesso). 3.º — João Casal (A.D.A.C.). 4.º — Jorge Martinho (A.D.A.C.). 5.º — Alberto Moreira (Bairro de Sá). 6.º — José Fernando (A.D.A.C.). 7.º — Joaquim Sacramento, individual. 8.º — Aurélio Simões (Bairro de Sá). 9.º — Armando Paiva (A.D.A.C.). 10.º — Vitor Manuel Marta (Bom-Sucesso). 11.º — Casimiro Manuel Jesus Nazaré (Bom-Sucesso).

No decorrer da prova, havia duas metas-volantes, em que passou em primeiro lugar Aniceto Vieira Gonçalves (ganhando os prémios «Casa Parente» e «Instituto de Beleza-Auto») e um Prémio da Montanha — em que triunfou Orlando Balseiro.

De tarde, pelas 14 horas, houve concentração junto à sede do clube e desfile até ao Campo da Costeira. A abrir, a Fanfarra dos Bombeiros de Ílhavo; seguiam-se, com os respectivos estandartes, representações (atletas e dirigentes) do Beira-Mar, Bairro de Sá, A.D.A.C., Académico das Agras e Galitos; e a fechar atletas do F. C. Bom-Sucesso (das secções de andebol, atletismo, basquetebol e futebol).

Procedeu-se, então, entre aplausos dos assistentes, ao hastear da bandeira do clube — de que se encarregou o Presidente da Assembleia Geral, Duarte da Rocha. E o 2.º Secretário da Direcção, Valdemar Gomes dos Santos, proferiu uma alocução alusiva à cerimónia da inauguração do recinto.

Presentes já diversas entidades oficiais, anotando-se a presença do Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, do Comandante da G.N.R. e de representantes da Direcção-Geral de Desportos (Prof. António Silva Machado) e da Associação de Futebol de Aveiro (Agílio Pádua).

Efectuaram-se depois os anunciados desafios de futebol — tendo dado os pontapés-de-saída, respectivamente, os presidentes da Assembleia-Geral e da Direcção, Duarte da Rocha e Alfredo Domingues da Silva.

Continua na penúltima página

MOTOCROSS

II PROVA DO CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES

Como anunciámos nestas colunas, realizou-se, em 13 de Agosto findo, na Pista do Carocho, na Quinta do Picado, a II Prova do Campeonato Nacional de Juniores em **Motocross** — nas cilindradas de 50 e 125 cc.

As corridas, organizadas pela Associação dos Amigos do Carocho (ADAC), decorreram com muito interesse e foram presenciadas por elevado número de espectadores — tendo concluído do seguinte modo:

50 cc. — 1.º — Carlos Manuel Santos Garrido. 2.º — José Alves Tulha.

Continua na penúltima página

Xadrez de Notícias

Devidamente solucionado o problema da sua inscrição, o guarda-redes Padrão (ex-Riopele) poderá estrear-se já no domingo, pelo Beira-Mar, no jogo com o Marítimo, caso o treinador Fernando Cabrita queira utilizá-lo.

Assim, apenas o brasileiro Nyromar não está apto a alinhar oficialmente — embora se aguarde, para breve, a solução do seu «caso».

Carlos Bio não deverá continuar na orientação da turma de seniores do Clube dos Galitos (basquetebol) — desconhecendo-se, ainda, quem irá exercer essas funções na época prestes a iniciar-se.

Da segunda jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, em futebol, foi antecipado para a noite de sábado, em Lisboa, o desafio Sporting - Vitória de Setúbal.

Continua na penúltima página

PORTE PAGO

Exm.º
João S
AVEIRO